

Nem mesmo num local das elites o ensino vai bem

CORREIO BRAZILIENSE

ELIANE OLIVEIRA
Da Editoria de Cidade

Nem sempre o nome combina com a realidade. A Escola-Classe e Jardim de Infância do Lago Norte constitui-se num bom exemplo de que "quem vê cara não vê coração". Em primeiro lugar, porque há três anos o estabelecimento não oferece serviços de jardim de infância. Segundo, porque, apesar da localização, pode ser comparada a uma das várias escolas em permanente crise de sobrevivência das cidades-satélites.

Lá estudam 1 mil 350 alunos, sendo a metade de invasões e filhos de empregados das mansões da Península. O ensino oferecido é de 1ª a 8ª séries porque, segundo a diretora Onilmar Moraes, coube à comunidade fazer tal opção. É a única escola da Fundação Educacional no setor e a população reclama de uma outra, um centro educacional, que ofereça o 2º grau.

SERVIDORES

Os moradores do Lago Norte conhecem a realidade do colégio, situado entre as QI 04 e 06. Num jornal editado pela Associação de Moradores da Península saiu há algum tempo um artigo assinado pela diretora sob o título "Escola Pede Socorro". A diretora reclama, fundamentalmente, da falta de recursos humanos e material didático, de expediente e de limpeza.

Há 64 professores e apenas cinco servidores para atender aos três turnos. "Precisamos de



pelo menos mais seis pessoas de nível médio", afirma Onilmar. O agente de portaria, Albertino Pereira, confirma sua declaração: "Aqui existem duas vagas para minha categoria, mas trabalho sozinho".

Albertino brinca dizendo que serve como "muleta". Faz de tudo um pouco: repara pequenos defeitos nas redes elétrica e hidráulica, conserta uma porta que cai e auxilia os colegas em serviços pesados. "Só não faço serviço de limpeza, mas sei que o pessoal está desgastado", lembra ele.

Mazinha reitera sua posição. Segundo ela, o lanche é feito às pressas pelas servidoras, "estafadas de tanto trabalhar". A merendeira é ajudada por agentes de conservação e limpeza, que se desdobram para cuidar

da manutenção do colégio, cujo estado geral é bom, mas a conservação, precária, não se faz notar.

O fato de a escola ter sido projetada para ser um jardim de infância trouxe alguns prejuízos à comunidade. O principal está relacionado com o tamanho das salas de aula. Elas são pequenas, especialmente para alunos de 5ª a 8ª séries.

Em virtude da falta de lâmpadas, a iluminação das salas de aulas, no período noturno, é ineficiente. Os banheiros estão em bom estado, mas sempre que a reposição de determinado material se faz necessária, a direção utiliza recursos da Associação de Pais e Mestres (APM). A cantina e o depósito de gêneros alimentícios têm espaço suficiente. O último, inclusive, até demais, diante da falta da merenda escolar.

A escola conta com uma sala para Práticas Integradas para o Lar (PIL), com pia e fogão, destinada às duas turmas de 8ª série. A biblioteca é bem equipada, graças às doações da comunidade local. Nela, alunos até a 4ª série participam da "hora do conto", que tem por objetivo valorizar o hábito de leitura. As crianças, em círculo, ouvem e discutem histórias contadas pela professora.

Não se sabe o que é pior: trabalhar na estagem ou na chuva. No segundo caso, os vazamentos são constantes. "A sala dos professores é a mais prejudicada", comenta Mazinha. Entretanto, a falta de papel tem sido agravante para os professores, que se vêem obrigados a utilizar papel reciclado.



Produtos da horta ajudam na complementação alimentar

População não ajuda

Com oito anos de existência, a Escola-Classe do Lago Norte, sobrevive às custas de campanhas. A APM, embora contribua para pequenas reposições de material, dispõe apenas de 35 por cento de pagantes. Assim, a maior luta da diretora Onilmar Moraes é levar a comunidade ao colégio e mostrar as dificuldades enfrentadas. "Se a população não valoriza a escola pública, a tendência é a redução da qualidade", explica.

Segunda-feira passada havia nas prateleiras da despensa cerca de 30 quilos de macarrão, da Fundação de Assistência ao Estudante, quantidade que só dava para mais um dia. Por isso, antes da escassez total da merenda escolar, a direção resolveu coletar gêneros alimentícios dos próprios alunos.

BOLO FRITO

O resultado foi satisfatório: nesse mesmo dia, a escola recolheu 29 quilos de farinha de trigo, 10 dúzias de ovos e 24 latas de óleo. Na terça-feira os estudantes lancharam bolo frito. A diretora, lembra da horta, culti-

vada pelo professor Elquias, de Práticas Agrícolas e Extrativismo. Os produtos colhidos — coentro, cebolinha, alface, couve, repolho e tomate — ajudam na complementação da merenda. "Mas convivemos com a carência de adubos e defensivos agrícolas".

"Administrar um colégio sem recursos é fogo", desabafa a diretora. Com os estoques de materiais didáticos, de expediente e de limpeza praticamente zerados, a saída é recorrer a campanhas. A do papel, mais recente pedia que cada aluno levasse de casa meia resma. "A minoria atendeu, mas valeu a pena", comenta a professora de 1ª série, Márcia Schneider.

A diretora consegue papel usado de repartições públicas para sanar o problema. Escrever no verso de apostilar não é mais novidade na escola. "O problema maior se dá com as correspondências, que não podem ser enviadas em papel já utilizado", revela ela. Lembra ainda que existe uma caixinha dos professores para o cafezinho.

Manutenção é precária

Como manter a escola limpa se não há produtos de limpeza? A sujeira choca os visitantes e encarde os uniformes das crianças que, durante o recreio, sentam no chão e podem cair durante as brincadeiras. A diretora Onilmar, muitas vezes, tem que levar de casa sabão, bombril e vassouras para manter os cerca de 20 mil metros quadrados de área total.

E a conservação da Escola-Classe está comprometida não somente por causa da carência de material. Os servidores, sobrecarregados, nem sempre dão conta do recado. Além de lavar paredes e piso, têm que cuidar da quadra de esportes (que necessita de material esportivo), coletar as folhas secas da área verde e juntar o lixo, recolhido em dias alternados pelo SLU (Serviço de Limpeza Urbana).

Se não existem problemas relacionados à segurança da comunidade escolar, há as depredações, que não são poucas, em função do tamanho das cercas. O que é depredado nem sempre pode ser repostado. "A estrutura física é razoável, mas precisa ser conservada", comenta a diretora.

"O problema principal, que chama a atenção das pessoas de fora, é que a escola é bastante aberta. Daí ocorrem as depredações", explica Mazinha, lembrando que o número de servidores não possibilita uma maior vigilância.

ESCOLA CLASSE DO LAGO NORTE

★ ★ ★

Salas de aula: ***
Banheiros: ****
Cantina: ***
Laboratórios: *
Biblioteca: ***
Área de Lazer: ***
Área de Esporte: ***
Segurança: ****
Manutenção: **

COTAÇÃO:

**** Excelente
*** Bom
** Regular
* Ruim
* Pêssimo ou Inexistente